

# ESTÉTICA EM FOUCAULT

Joel Cezar Bonin<sup>1</sup>

Universidade Alto Vale do Rio do Peixe (UNIARP)  
Disciplina de Filosofia  
Caçador, SC

Recebido em: 15 abr. 2014  
Aprovado em: 30 abr. 2014

## INTRODUÇÃO

Vivemos em um momento histórico que destaca sobremaneira a importância da beleza e/ou da estética corporal. A mídia através de programas de televisão ou de propagandas específicas tenta despertar em todos o afã pela boa aparência ou pelo valor estético da aparência física. Esse desejo não é inato, mas adquirido. Mas esta aquisição não é algo elaborado de modo natural ou deliberado. Ao invés, é um desejo inculcado e desenvolvido numa relação puramente impositiva na qual as pessoas são forçadas a aceitar “aquilo que todo mundo faz”.

Não obstante, Michel Foucault, filósofo francês, por volta de 1960, começou a estudar a vida dos gregos antigos com o intento de compreender o que realmente significava viver uma vida estética. Sua compreensão sobre o modo de vida de cada pessoa no mundo lhe parecia algo que poderia ter uma conexão com a ideia de estética, mas não num sentido puramente aparente (aparência física), mas em algo mais essencial, que ultrapassasse os meros atributos de beleza corporal.

Neste sentido, emerge uma questão fundamental: o mundo da cosmética é um mundo voltado fundamentalmente para um conhecimento científico do corpo humano (calcado na ideia do retardamento do envelhecimento físico e, sobretudo, na “maquiagem” das imperfeições faciais). É uma área do saber voltado essencialmente para a ideia de que é necessário saber para prever, adiar ou prevenir as marcas do tempo cronológico. Contudo, esse adiamento não é resultado de uma satisfação pessoal ou, muitas vezes, não resulta em felicidade, pois o tempo cronológico e o tempo do amadurecimento pessoal não são coincidentes.

Dito de outro modo, o saber científico da cosmética não implica em um modo sábio de

---

<sup>1</sup> Professor de Filosofia da UNIARP. Mestre em Filosofia pela UNIOESTE – Toledo-PR. Email: joel@uniarp.edu.br

se ver a própria vida, mas na aceitação equivocada do próprio conceito de beleza que a indústria cosmética tenta, a fórceps, padronizar e uniformizar, isto é, a beleza se tornou tirânica e avassaladoramente calcada em ideais intangíveis para a maioria da população mundial. A ciência suplantou as identidades. A sabedoria de vida foi substituída por bisturis ávidos por “uma produção em série da beleza”.

## **OBJETIVOS**

Analisar a importância da relação entre estética e ética de acordo com o pensamento de Michel Foucault, diante do problema contemporâneo da separação entre as duas ideias.

## **MÉTODO**

Bibliográfico com base em pesquisa acadêmica.

## **ESTÉTICA EM FOUCAULT**

Diante do exposto, Michel Foucault pesquisa a fundo a ideia de autoconhecimento e empoderamento como instrumentos de uma vida voltada para o “autodomínio e autocuidado”, conceitos tão apreciados pelos gregos nos séculos VI e V a.C, ou seja, a beleza não podia ser algo estritamente físico. Ela precisa ser um estilo de vida e, nas palavras de Foucault, uma “estilística da existência”.

Mas, em outras palavras, o que isso realmente quer dizer? Foucault fala que

para os gregos, esse preceito do “cuidado de si” configura um dos grandes princípios das cidades, uma das grandes regras de conduta da vida social e pessoal, um dos fundamentos da arte de viver. É uma noção que, para nós, hoje em dia, perdeu sua força e é obscura. Quando se coloca a questão: “Qual é o princípio moral que domina toda a filosofia da Antiguidade?”, a resposta imediata não é “tome conta de você mesmo”, mas o princípio délfico, *gnôthi seauton*, “conhece-te a ti mesmo”. (FOUCAULT, Técnicas de Si, 1994).

Nesse sentido, reside um problema assaz instigante: o que deve ser considerado como mais importante? A ciência humana ou a sabedoria humana? Considerando o nosso momento histórico, vemos o quanto o excesso de cientificismo, por exemplo, causou mais barbárie que emancipação, mais negação que afirmação do sujeito.

A ciência moderna, ao mesmo tempo em que promete um destino promissor para o

indivíduo, torna-o manipulável econômica, política e psicologicamente. Isso cria uma situação paradoxal: na mesma medida em que o indivíduo é convidado a pensar, agir e sentir por si mesmo – em outros termos, ser autônomo, - explode em múltiplas formas as reivindicações egocêntricas e ele se encontra cada vez mais submetido às forças do conformismo e do consumismo. Na proporção em que o “enriquece” com informações e lhe facilita o controle técnico sobre o seu entorno, a ciência exige do indivíduo a renúncia do mundo autofantasiado e da história pessoalmente vivida. Ao que parece, a sua identidade se torna cada vez mais dependente da resignação a uma ordem determinada por forças que lhe fogem do controle. Ou seja, o moderno conhecimento científico não se encontra mais orientado para um fundamento subjetivo do conhecimento: o sujeito está morto e o que mantém o conhecimento são os sistemas autorreferenciais. (MÜHL, 1999. p 2-3).

Em outras palavras, o sujeito é negado em sua própria capacidade de gerir ou controlar o conhecimento. O homem não se tornou mais referência da própria ciência que ele mesmo criou. A ciência coisificou o homem. A ciência tornou-se referência de si mesma. Talvez, esta seja uma das críticas mais duras que Foucault tenha feito à ciência, por justamente entender que através dela o homem - mesmo sendo seu criador – se submeteu ainda mais no jogo do saber-poder. Ele afirma que os princípios da ciência “não se remetem a um sujeito do conhecimento (histórico ou transcendental) que os inventaria sucessivamente ou os fundaria num nível imaginário; mas antes de tudo, designam uma vontade de saber, anônima e polimorfa, suscetível de transformações regulares e considerada num jogo de dependência determinável”. (FOUCAULT, 1997, p. 12-13). Desse modo, têm-se a impressão de que o homem apenas assiste aos fatos e acontecimentos que lhe circundam sem poder intervir em nada.

Esta concepção, dirá Foucault, é consequência da ênfase pela qual os pensadores modernos deram ao “conhecimento de si” e menos ao “cuidado de si”.

Existem muitas razões que explicam que o “conhece-te a ti mesmo” eclipsou o “cuida de ti mesmo”. A primeira é que os princípios morais da sociedade ocidental passaram por uma profunda transformação. Experimentamos a dificuldade de fundamentar uma moral rigorosa e princípios austeros sobre um preceito que mostra que devemos nos preocupar conosco mesmos mais do que qualquer outra coisa. Inclinamo-nos, em princípio, a considerar o cuidado de si como qualquer coisa de imoral, como um meio de escapar a todas as regras possíveis. Herdamos isso da moral cristã, que faz da renúncia de si a condição da salvação. Paradoxalmente, conhecer-se a si mesmo constituiu um meio de renunciar a si mesmo. Somos também herdeiros de uma tradição secular, que vê na lei externa o fundamento da moral. Assim, como o respeito que se tem por si mesmo pode constituir-se na base da moral? Somos os herdeiros de uma moral social que fundamenta as regras de um comportamento aceitável sobre as relações com os outros. Se a moral estabeleceu-se, depois do século XVI, como objeto de uma crítica, o fez em nome da importância do reconhecimento e do conhecimento de si. É ainda difícil imaginar que o cuidado de si pudesse ser compatível com a moral. “Conhece-te a ti mesmo” eclipsou “cuida de ti mesmo”, porque nossa moral, uma moral do ascetismo, não parou de dizer que o si é a instância que se pode rejeitar. A segunda razão é que, na filosofia teórica que vai de Descartes a Husserl, o conhecimento de si (o sujeito pensante) ganhou uma importância tanto maior

enquanto ponto de referência da teoria do conhecimento. Para resumir: tem ocorrido uma inversão na hierarquia dos dois princípios da Antiguidade, “cuida de ti mesmo” e “conhece-te a ti mesmo”. Na cultura greco-romana, o conhecimento de si aparece como consequência do cuidado de si. No mundo moderno, o conhecimento de si constitui o princípio fundamental [e exclusivo]. (FOUCAULT, Técnicas de Si, 1994)

Este será o norte do trabalho de Foucault: defender a ideia de que o cuidado de si, a partir da história greco-romana, tem a intenção de educar o sujeito para uma vida melhor. E, como fora afirmado anteriormente, um dos pontos importantes que Foucault destaca em sua obra é o verdadeiro significado da palavra poder. Para ele, a noção de poder como algo abstrato ou metafísico é um grande equívoco (um bom exemplo é pensarmos erroneamente que a sede do poder na sociedade atual está no Estado, no poder judiciário, etc), pois as pessoas podem exercer ou manifestar o poder na relação com os outros e principalmente na relação *de si para si*. Dito de outro modo, se o poder se manifesta e atravessa todos os corpos, se o poder marca sua opressão e sua sede de dominação física e/ou discursivamente sobre o outro, o poder aqui deve, por outro lado, “se dobrar” sobre si próprio.

O sujeito, assim se *dobrar* sobre si mesmo, buscando compreender sua interioridade, cultivando sua subjetividade, transformando o poder de fora em poder interior. Desse modo, o poder em Foucault exerce uma certa força estética, oriunda da disciplina e do “cuidado de si”. Essa norma não pode vir de qualquer lugar social ou cultural: Esse trabalho estético sobre si mesmo é uma espécie de auto-hegemonia na medida em que faz com que cada um crie uma lei para si mesmo, em vez de colocar-se humildemente sob o domínio de uma lei heterônoma. E acrescenta Pál Pelbart, “[...] o sujeito é constituído igualmente como que por um movimento inverso, por um dobramento, no sentido em que o fora, ao dobrar-se, cria uma interioridade”. (PELBART, 1998, p. 55).

Para tanto, o sujeito deve se submeter a regras ou a convenções pré-estabelecidas, pois o cuidado de si não é uma ética da liberdade total ou de um cuidado do tipo *laissez-faire*. É preciso uma conduta no agir.

Por seu turno, na Grécia Antiga, estas condutas eram orientadas para que o sujeito pudesse descobrir a sua capacidade de se auto-governar (*enkrateia*). “Ocupar-se de si não é, portanto, uma simples preparação momentânea para a vida; é uma forma de vida”. (FOUCAULT, 1997, p. 123). Esta forma de vida era uma das preocupações essenciais da vida do homem grego. Ele deveria ocupar-se de si mesmo a vida toda. Ele deveria ser o objeto central

de si mesmo por uma busca da verdade e do conhecimento durante a vida toda. Ninguém poderia fazer tal função em seu lugar. Este *telos* existencial era insubstituível.

Esse *telos* será explicado por Foucault, para os sujeitos contemporâneos da seguinte maneira:

A história do “cuidado de si” e das “técnicas de si” seria, portanto, uma maneira de fazer a história da subjetividade; porém, não mais através da separação entre loucos e não loucos, doentes e não doentes, delinquentes e não delinquentes, não mais através da constituição de campos de objetividade científica, dando lugar ao sujeito que vive, que fala e que trabalha. Mas através do empreendimento e das transformações, na nossa cultura, das “relações consigo mesmo”, com seu arcabouço técnico e seus efeitos de saber. Seria possível, assim, retomar num outro aspecto a questão da “governamentalidade”: *o governo de si por si na sua articulação com as relações com o outro* [...] (FOUCAULT, 1997, p. 111. Grifo nosso)

Sendo assim, alguns pontos são inevitavelmente importantes para que se possa chegar a *fase adulta* do cuidado de si, pois o sujeito que é capaz de ser “cuidador de si” deve sempre estar atento a quatro ideias principais: a) voltar-se sobre si mesmo; b) desaprender o que não é adequado; c) combater o que é contrário ao cuidado; d) exercitar-se na busca da verdade sobre si.

Como vimos, é necessário haver uma relação na qual as pessoas sejam capazes de alcançar enfaticamente a própria autonomia sem negar ou olvidar o papel da vida coletiva. Contudo, a visão crítica e questionadora acerca dos poderes exteriores que tentam nos controlar e manipular é fundamental. Não se pode aceitar que propagandas enganosas ou forçosamente manipuladoras nos tornem reféns do consumismo ou de uma padronização estética calhorda.

## CONCLUSÃO

Para Foucault, estética é - com base no pensamento grego, autogoverno, autodomínio e autocuidado. Estas três ideias são traduzidas como estilística da existência. Contudo, se na linguagem científica, a palavra cobaia é tão recorrente, não podemos considerar que, na vida pessoal, sejamos cobaias da estética. Cuidar de si não resulta em solipsismo ou egoísmo ou tão pouco em um distanciamento do mundo moderno para vivermos igualmente como os gregos viveram. Significa, outrossim, ser capaz de discernir com sabedoria um estilo próprio de vida, um modo adequado de usar a própria *aisthesis* (termo grego que designa a ideia de estética). A autonomia, paradoxalmente tão propalada e negada, precisa ser reencontrada dentro de cada um nós na medida em que formos capazes de escolher livremente o modo como queremos viver e

agir, sem máscaras ou “pancakes”.

**Palavras-chave:** Estética, ética, cuidado de si, empoderamento.

## REFERÊNCIAS

BILLOUET, Pierre. **Foucault**. Tradução de Beatriz Sidou. Editora Liberdade. 2003. São Paulo.

FOUCAULT, Michel. **Resumo dos Cursos do Collège de France**. Tradução de Andrea Daher. 1997. Jorge Zahar Ed. Rio de Janeiro.

\_\_\_\_\_. *Les Techniques de soi*; Université du Vermont, outubro, 1982; trad. F. Durant-Bogaert). In: Hutton (P.H.), Gutman (H.) e Martin (L.H.), ed. **Technologies of the Self**. A Seminar with Michel Foucault. Anherst: The University of Massachusetts Press, 1988, pp. 16-49. Traduzido a partir de FOUCAULT, Michel. *Dits et Écrits*. Paris: Gallimard, 1994, Vol.IV, pp. 783-813, por Wanderson Flor do Nascimento e Karla Neves.

MARTINEZ, Horácio L. Foucault e Wittgenstein: semelhanças de família entre o cuidado de si e a terapia gramatical. In: PEREZ, Daniel Omar (org.). **Filósofos e terapeutas**: em torno da questão da cura. São Paulo: Escuta, 2007.

MÜHL, Eldon Henrique. **Racionalidade comunicativa e educação emancipadora**. Tese de Doutorado, Faculdade de Educação UNICAMP, 1999. Campinas.

PELBART, P. P. **O Tempo Não-Reconciliado**. São Paulo: Perspectiva, 1998.